

INFORMAÇÃO E CONSCIÊNCIA NO CIBERESPAÇO

RUBENS R. G. SILVA *

(rubensri@ufba.br)

INÁCIO SZABÓ **

(inacio@reconcavotecnologia.org.br)

Apresenta concepção teórico-filosófica da informação no universo digital, de abordagem metodológica dialética, partindo da alegoria platônica da caverna e evoluindo para a reflexão acerca das modificações trazidas pela disseminação do uso de computadores conectados ao ciberespaço. Propõe que, na área da Ciência da Informação, o conceito de informação associado ao âmbito digital seja definido como processo, e não como produto, tendo por base a tese marxiana da consciência. O ponto de vista adotado é orientado aos propósitos, e não ao produto, fenômeno ou objeto, em função de necessidades sociais que devem ser satisfeitas. Conclui argumentando que, no universo digital, a expressão ‘representação da informação’ não deve ser utilizada em substituição ao termo ‘informação’.

Palavras-chave: Ciência da Informação; ciberespaço; consciência; digitalização; epistemologia; informação.

* Doutor em Ciência da Informação (UFRJ-ECO/IBICT-DEP, 2002); Professor adjunto, Departamento de Fundamentos e Processos Informacionais e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia (POSICI/ICI/UFBA).

** Bacharel em Engenharia de Computação (UNICAMP); mestrando no POSICI/ICI/UFBA. Coordenador de projetos do Instituto Recôncavo de Tecnologia.

INTRODUÇÃO

Neste artigo procuramos apresentar a concepção teórico-filosófica a partir da qual vimos desenvolvendo a linha de ação de pesquisas e planos de trabalho elaborados no Grupo de Estudos sobre Cultura, Representação e Informação Digitais (CRIDI/ICI/UFBA – Plataforma Lattes/CNPq, julho de 2005). Iniciada no âmbito do curso de doutorado do PPGCI (UFRJ-ECO/IBICT), tais reflexões resultaram em uma proposta de teoria da informação, de cunho humanista e social, no campo da Ciência da Informação (CI).¹ O debate com componentes do CRIDI tem sido importante para a retomada que visa à eliminação de pontos obscuros, correções de rumo e de fragilidades da construção conceitual e epistemológica que caracteriza o desenvolvimento de uma teoria.²

Uma versão ampliada desta comunicação foi publicada (no formato ‘artigo’) em Silva (2006 a). O VII CIFORM nos permite trazer a reflexão literalmente ao debate. Na primeira parte do texto é apresentada a metáfora platônica da caverna, reflexão inicial estimulante ao desenvolvimento da crítica ao conceito de informação no âmbito da CI. Na seqüência, a tríade informação, consciência e ciberespaço é analisada segundo uma concepção materialista da história. Considerações finais reúnem os principais conceitos e categorias aqui propostos.

1 A CAVERNA COMO IMAGEM

A palavra *cyberspace* foi empregada pela primeira vez pelo autor de ficção científica William Gibson, em 1984, designando “o universo das redes digitais como lugar de encontros e aventuras, terreno de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural”. Hoje o ciberespaço designa menos os novos suportes de representação da informação “do que os modos originais de criação, de navegação no conhecimento e de relação social por eles propiciados” (LEVY, 1998, p.104).

Prostramo-nos diante do monitor, horas a fio, praticamente ‘amarrados’ a uma cadeira, olhos fixos nas imagens trazidas até nós, seja de um texto, seja de uma figura, de um gráfico,

¹ A pesquisa de Silva (2002) foi indicada ao Prêmio ANCIB (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação), em 2003, na categoria Teses de Doutorado, durante o V ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação.

² Além das questões teórico-epistemológicas, o grupo de pesquisa vem aprofundando o estudo sobre o acesso a versões digitais de coleções de imagens e sons do acervo mantido pela esfera pública. Três aspectos caracterizam prioritariamente esses estudos: a) proposição de novos conceitos e categorias relacionadas à informação no universo digital; b) observação, registro e análise de práticas de digitalização e de acesso a coleções digitais de imagens e sons do acervo público; e c) investigação sobre as transformações sociais e institucionais associadas à distribuição de representações digitais desse acervo.

de um objeto, de um filme. Quase não piscamos. Não podemos parar. Navegar é preciso. Ao observarmos o comportamento de um indivíduo ao consultar um universo qualquer de imagens digitais, não será difícil perceber a quase imediata capacidade de concentração dos sentidos no monitor de vídeo, num movimento de absorção, de quase hipnose, tão absoluto que muitas vezes parece que naquele exato momento o indivíduo não ouve, não vê, nem atenta para nada que não esteja relacionado à imagem, não move o pescoço para o lado enquanto conversa, quase não pisca, preso que parece ao visível no monitor. Dessa observação fica a curiosa sensação de que a contemplação de imagens digitais num monitor implica uma maior concentração voluntária do que a assumida na contemplação de imagens impressas em papel.

Há uma alegoria clássica no pensamento filosófico da Grécia Antiga que foi utilizada como suporte da imaginação na digressão feita acima. Platão (428-348 a.C.), no Livro VII de *A República*, nos conduz com beleza e profundidade por questões em torno da consciência quando descreve a alegoria de uma caverna.³ Com esse belo diálogo, ao descrever a atividade de um filósofo, sua coragem, sua responsabilidade pedagógica, Platão mostra o percurso feito pelo filósofo no caminho que leva das noções imprecisas às idéias reais que estão por trás dos fenômenos da natureza.

Nesta narrativa sobre a natureza humana, Platão, na verdade, esboçava, em um diálogo que se dá entre Sócrates e Gláucon, ao qual ele presenciou, a maneira de formar guardiões de forma que procurassem alcançar o saber mais elevado: tratava-se de dar a conhecer o comportamento da natureza humana, conforme fosse ou não submetida à educação. O que focalizamos como estímulo à reflexão técnico-científica-epistemológica é o caráter alegórico do mito, não o simbólico; não discutimos o mito, nos apropriamos da imagem; não recontamos o ‘mito’, refletimos sobre o *eikon* (‘imagem’ platônico). A alegoria nos interessa por nos estimular a estabelecer relações entre coleções/documentos especiais da esfera pública e a pesquisa científica e técnica. Da mesma forma, não se trata, exatamente, de buscar a ocorrência de uma eventual correlação entre uma ciência social aplicada e o pensamento platônico em *A República*. O que se pretende é o desencadeamento de uma reflexão dialética — instrumento de trabalho, como em Platão, e não fim em si — que dinamize, dê movimento, ao entendimento acerca da idéia de ‘informação’, que permeia inúmeras disciplinas, e que no caso da CI desenvolveu-se num contexto muito afastado da reflexão dialética, já que esse campo científico se firma principalmente sob o ponto de vista empiricista. Queremos reunir

³ Para a leitura de *A República* utilizou-se a tradução portuguesa, com comentários e notas elaboradas por Maria Helena da Rocha Pereira em 1972 e editada pela Fundação Calouste Gulbenkian (Platão, 1996).

elementos para, dialeticamente, pensar os conceitos de informação, um processo, e de representação da informação, um produto.

Entendemos que a alegoria platônica compreende um processo de informação que envolve a idéia, a sabedoria e a dialética. Ao ampliar sua consciência quando arrancado das correntes que o prendem e ao tomar contato com a realidade da qual só via sombras, o homem da caverna é liberto de uma ilusão de outrora, habilitando-se mesmo a retornar e tentar retirar os outros acorrentados da situação desinformada em que vivem, e na qual as sombras projetadas na parede não passam de representações da alienação em que estão opressivamente mergulhados. O liberto passa a ter condições de oferecer aos seus semelhantes a oportunidade de também ampliarem suas consciências acerca da possibilidade de conhecer e agir no contexto em que vivem.

O ‘idealismo’ platônico é não só origem, mas, como já dissemos, estímulo, para, dialeticamente, pensarmos a relação informação/consciência procurando imprimir aí um viés materialista marxiano. Vale destacar que a adoção do termo ‘idealista’, empregado em meados do século XVII, por Leibniz (1646-1716), para referir-se a Platão, pode prestar-se a equívocos, já que do ponto de vista da doutrina dos ‘universais’ (noções genéricas, idéias, entidades abstratas), os filósofos de tendência platônica são qualificados de realistas por afirmarem que as idéias são “reais” (MORA, 2001). O ideal da filosofia platônica, fundamentalmente, era o de formar cidadãos dignos e responsáveis. Em *As Leis*, obra derradeira de Platão, posições idealistas tornam-se pragmatistas (HUISMAN, 2004).

Pode parecer contraditório falar do ‘idealista’ Platão associado ao materialista Marx, mas vale lembrar que o pensamento marxiano é construído a partir da lógica de Hegel (1770-1831), com sua dialética idealista-objetiva-monista, e da teoria da alienação de Feuerbach (1804-1872), com seu materialismo antropológico empiricista.⁴ O idealismo e o humanismo de Feuerbach, particularmente, “contaminaram” a obra do Marx jovem. Na crítica a Hegel, porém, em 1843, Marx irá recusar o idealismo, e até a própria dialética. Um ano depois, no entanto, se reconciliará com essa última, quando escreve as *Teses sobre Feuerbach* e *A Ideologia Alemã* (MARX e ENGELS, 1986). A dialética materialista é “filha” da filosofia idealista; conforme dizem Sampaio e Frederico (2006, p.8), “a obra de Marx construiu-se na difícil síntese entre materialismo e idealismo”.⁵

⁴ Cf. Feuerbach, 1988 e Hegel, 2005.

⁵ Para uma reflexão acerca das dialéticas idealista e materialista, cf. Hegel, 2005; Marx e Engels, *op.cit.* Sobre dialética, ver Foulquié, 1966. V.tb. Sampaio e Frederico, *op.cit.*

Sem dúvida é grande a influência do pensamento de Marx em diferentes correntes das ciências sociais, da história, da economia política, da sociologia. Em nosso caso, foi a partir da estimulante e bela dialética de Platão, e depois na dialética de Marx, que se encontrou o caminho para, em uma ciência social aplicada, pensar a tríade informação, consciência e coleções/documentos especiais digitais, numa formulação que não se perdesse num empirismo que visasse apenas e primordialmente ao acesso virtual a imagens, fixas ou em movimento, perdendo qualquer traço de originalidade teórica.

O *écran* de nossos computadores torna-se porta de acesso a um enorme mundo de imagens, sejam elas iconográficas ou textuais, representações de nossas realidades humanas, reflexos do que somos, do que pensamos, do que vemos, do que fazemos. Uma pequena caverna no interior da caverna mundo, dirigindo a nossos olhos um inventário impossível de relatar, tamanha sua vastidão e suas possibilidades de nos trazer conteúdo representado em linguagem quase invisível de ‘zeros e uns’, convertidos, por sua vez, em sons, textos, imagens digitais. Atenhamo-nos às versões digitais de imagens e sons do acervo público: seriam produtos ou processos? Conteúdos ou informação? Como definir informação? Como relacionar os acervos guardados nas instituições da esfera pública a tal definição? De que nos serviria tal correlação?

2 A DIALÉTICA INFORMAÇÃO/CONSCIÊNCIA

Uma pesquisa “cuidadosa” no ciberespaço demonstrou que o tema ‘consciência’ é recorrente no campo da CI.⁶ Na maioria dos casos, os artigos produzidos por pesquisadores ou professores vinculados a instituições de ensino ou de pesquisa correlacionadas à CI são referentes a processos cognitivos de usuários, grupos e profissionais de informação, ou ainda relativos ao *design* mais efetivo de interfaces para usuários de sistemas interativos de recuperação de informação, ou a correlação entre a CI e a área de Sistemas de Informação.⁷

Naturalmente, ao pesquisarmos o binômio informação e consciência em bases de dados, também encontramos trabalhos de autores de áreas mais relacionadas ao desenvolvimento e à avaliação de sistemas de informação, à tecnologia da informação ou à ciência da computação. No campo de uma filosofia da linguagem também há estudos

⁶Em maio de 2000, realizamos o levantamento da ocorrência do termo ‘consciência’ (na verdade, de seus equivalentes no idioma inglês) em 179.241 documentos e artigos disponíveis em periódicos científicos de bases de dados da área da CI e áreas afins. Veja maiores detalhes e a relação dos periódicos em Silva (2002).

importantes, bem como na área dos estudos cognitivos, ou do comportamento associado ao consumo na economia, ou ainda do campo do comportamento e da inteligência organizacional, ou mesmo acerca de questões ambientais e étnicas. O que é importante destacar, com relação a todos esses artigos, é que resultaram de uma busca com o descritor-binômio informação/consciência em base de dados dirigida primordialmente à comunidade acadêmica.

Investigar a digitalização e o acesso a versões digitais de coleções/documentos especiais do acervo público tem permitido elaborar o pensamento sobre os reflexos sociais e institucionais da adoção da tecnologia de reformatação (ou de transformação) para a versão digital. Foi nesse percurso que vislumbramos uma correlação entre a informação, entendida como processo, e a alegoria da caverna. Um processo é uma concatenação de eventos, um estabelecimento de conexão entre eventos e/ou entre fenômenos, fisiológicos, psicológicos, sociais e até físicos. Nesse sentido, um processo difere de uma cadeia, a qual é constituída de objetos ou fenômenos de caracteres análogos, semelhantes, como a que costumamos encontrar nas abordagens que fazem referência à cadeia dado/informação/conhecimento. Ainda que apresentem alguma unidade, que se reproduzam com certa regularidade, esses eventos ou fenômenos caracterizadores do processo da informação não fazem sentido se isolados; seu sentido está na sua relação com o desenvolvimento da consciência que temos acerca da possibilidade de conhecer e agir. Entender a informação como um processo implicará, ainda, a existência de produtos resultantes do processo: as representações. É preciso representar os fenômenos, os eventos, ‘traduzi-los’ em produtos do processo denominado informação; tais produtos, por sua vez, acabam por tornar-se ‘conteúdos’ do próprio processo. A informação não é a evolução do dado, nem o conhecimento a evolução da informação. Informação é o processo (a concatenação não-linear de eventos, de fenômenos) no qual o dado e o conhecimento unem-se em representação, em tradução da presença humana, em sínteses dialéticas do processo informacional. Talvez o que chamamos conhecimento seja, por sua vez, um outro processo de unificação, de condução do binômio sujeito/objeto à unidade. Daí que nos parece ocorrer uma espécie de simbiose inter-processos, onde ambos, conhecimento e informação, se beneficiam mutuamente, ainda que de formas diversas, como na simbiose orgânica entre plantas, ou entre animais, ou entre plantas e animais.

⁷ O importante periódico *Journal of American Society for Information Science and Technology* (JASIST) foi o que apresentou o maior número de ocorrências do termo, advindas de autores da Europa, Ásia, Austrália, Reino Unido e América do Norte.

O que se pretende é pensar o conceito de informação no sentido da reflexão marxiana, da ‘totalidade’, da predominância universal do todo sobre as partes, da filosofia da práxis, da ação transformadora consciente, humanista e emancipadora, procurando adotar um modelo de ação científica inspirado na reflexão desenvolvida em *A República* — da busca da forma do bem em uma república, do uso da sabedoria como instrumento de libertação de consciências e de justiça social.

Trata-se de, inspirados na alegoria platônica e procurando aplicar uma concepção materialista da história, refletir sobre um monitor de vídeo acoplado a um computador conectado ao mundo por redes de comunicação, como uma metáfora da caverna, na qual percorremos o complexo caminho de aprendizado em busca de expansões da possibilidade de conhecer: é o caso de se pensar nas diferenças ou semelhanças que poderiam haver entre aquele que se livra das correntes na caverna, contemplando a realidade, e aquele que utiliza a tecnologia de acesso a conteúdos digitais com a intenção de ampliar sua consciência da realidade. O monitor, então, conectado ao ciberespaço, poderia nos servir como meio de intercessão em um estado de inconsciência e de aprimoramento de uma prática libertária.

3 O CIBERESPAÇO E A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Procurando estabelecer delimitações às categorias e conceitos que vimos elaborando, foi proposta uma rede conceitual em Silva (2002), na qual entendemos que conteúdo não é informação, mas *representação* de informação.⁸ No ambiente digital toda representação de informação pode ser entendida como dado — não um dado puro, como preferem alguns, que se apresente à consciência como imediato, não elaborado, não organizado, mas um elemento de um processo ou uma representação de fatos ou de instruções em alguma forma apropriada que viabilize seu armazenamento, seu processamento ou sua transmissão por algum meio automático. Mesmo se extrapolarmos o contexto do universo digital, diríamos que um ‘dado’ pode até mesmo se referir a um complexo conteúdo que, no entanto, nos servisse apenas como base para a resolução de um problema ou para a formação de um juízo — diferentemente do que entendemos por *informação*, que não é um elemento de um processo, mas o próprio processo.

A cadeia consagrada do ‘dado, informação, conhecimento’ — sempre apresentada em artigos científicos e salas de aula de graduação e pós-graduação como uma linha em que cada

elemento vem a seguir do outro, absolutamente linear na sua representação — nos parece ultrapassada para um período histórico como o que se vivencia hoje, caracterizado pela disseminação de conteúdos hipertextuais em redes mundiais de comunicação. O movimento numa rede não é linear, é mais aleatório, menos cíclico que o de uma cadeia conceitual como a indicada acima, que, por definição, conforme já nos referimos anteriormente, é caracterizada pela sucessão de fenômenos de caracteres análogos, uma série ininterrupta de objetos semelhantes, em que cada um cria os elementos necessários ao desenvolvimento do seguinte. Acreditamos estar aí, nesse entendimento linear da sucessão ‘dado, informação, conhecimento’, uma das origens da dispersão que impede uma melhor compreensão do que de fato signifique cada uma daquelas categorias ou conceitos no campo da CI. A observação leva a crer que ainda predomina a concepção segundo a qual a informação de que trata a CI seja aquela resultante de noções, conceitos e categorias advindas de campos caracterizados por perspectivas teórico-metodológicas relacionadas à organização de livros, objetos ou documentos, na forma de registros acessíveis à consulta para um resgate ou recuperação da fonte original. Na verdade, embora exista uma tradição européia na área da ‘Documentação’, a constituição ‘jurídico-acadêmica’ do campo da CI se dá num meio científico claramente empírico-positivista: o norte-americano; num período histórico caracterizado por conflitos mundiais e ideologias de pós-guerra que reforçaram muitos preconceitos com teorias que não estivessem alinhadas com o perfil do capitalismo democrático representativo liberal, antimarxista. Marcadamente popperiana em sua fundamentação filosófica, tal produção científica não poderia aceitar a teoria da consciência em Marx, que nega ser a consciência o determinante da existência, e prega justamente o contrário: é a existência que determina a consciência.

Popper parece dar muita ênfase à epigrama da teoria da consciência em Marx, supervalorizando equivocadamente a afirmação de que é a existência que determina a consciência, sem que houvesse uma adequada valorização da dialética que apontaria para a reversibilidade das relações entre consciência e existência, nas quais a consciência sofre os efeitos derivados de condições socioeconômicas, mas que, da mesma forma, também atua sobre elas, modificando-as.⁹ Para Popper, as predições de Marx não passavam de profecias, e o marxismo seria, assim, uma teoria da salvação. “Por ser assim é que Popper não vê conciliação possível entre o marxismo e uma tecnologia social... que efetivamente concede ao

⁸ Para uma abordagem de maior aprofundamento acerca das categorias e dos conceitos que o tema envolve, ver Silva (2006 a). Ver também Silva, 2003; 2004; 2005; 2005a; 2006;

⁹Cf. Silva, 2006a.

homem a condição de responsável pelos sistemas socioeconômicos que predominam um certo momento histórico”.¹⁰

Há muitas críticas à “cruzada antimarxista” empreendida por Popper, mostrando sua concepção errônea ao demarcar estritamente o que é ciência, de um lado, cumprindo uma tarefa unicamente explicativa, e as idéias político-filosóficas, de outro, absolutamente desprovidas de valor científico, e para quem o projeto de uma crítica da sociedade não poderia estar entre as ciências sociais. Contrariamente a esse raciocínio, acreditamos ser fundamental para o cientista da informação pensar a cultura, a história e as “diferenças pragmáticas” na transferência de conteúdos informacionais.¹¹ Propomos, então, refletir sobre o binômio informação/consciência no ciberespaço tendo por base a teoria da consciência em Marx.

Partindo-se do princípio de que a tecnologia deve expressar a capacidade de uma sociedade projetar-se na busca da maestria tecnológica, utilizando para isso suas próprias instituições, incluindo aí o Estado¹², entendemos que por intermédio da tecnologia poderíamos alcançar a formulação de uma interface adequada ao acesso a versões digitais de coleções/documentos especiais que favoreça a expansão da consciência acerca da possibilidade de conhecer e de agir. O que se quer dizer é que é preciso ter consciência da possibilidade do acesso ao conhecimento, e que ele deve estar sempre orientado a ações que visem ao atendimento de necessidades sociais e/ou individuais. Entendemos, portanto, que uma dimensão como a dos conteúdos fotográficos digitais e, por extensão, também dos conteúdos sonoros e de imagem em movimento, particularmente aqueles sob a guarda de instituições públicas, pode ser tecnologicamente desenvolvida de forma direcionada ao fortalecimento da capacidade de ação do indivíduo junto às instituições.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se consideramos a informação como processo que, por meio de conteúdos informacionais, visa ao conhecimento, qualquer elemento que seja resultante de uma organização de dados diversos não pode ser entendido como uma ‘informação’, e sim como a ‘representação’ de um fato, um momento ou de uma etapa inerente a um processo chamado informação. O que se denomina, então, como ‘informação em c&t’, indica uma forma abreviada para ‘representação da informação em c&t’. Na sua forma digital, representação de

¹⁰ Cf. Penna, 1986, p.62. V.tb. Popper, 2004.

¹¹ Cf. González de Gómez, 1995.

¹² Cf. Castells, 2006.

informação será conteúdo, e conteúdo digital será sempre ‘dado’, esteja disperso ou organizado. Isso equivale a dizer que no disco rígido de um computador nunca haverá informação, mas representação digital de informação, “dados”.

Esse entendimento se desenvolve visando à não utilização do termo ‘informação’ como substituto para a expressão ‘representação da informação’, de forma a evitar uma redundância que muitas vezes confunde a comunicação, ou a ação comunicacional, mesmo entre profissionais experientes.

Pensamos a informação, no universo digital em que vivemos hoje, como processo constituído pela concatenação de eventos e fenômenos que possibilitam a ampliação da consciência e, por conseguinte, do conhecimento e da capacidade de ação. O sentido, aqui, está associado ao fato de que nossa efetiva inserção em tal processo (ou nossa *inclusão digital*, como talvez prefiram alguns) possibilita tornarmo-nos mais conscientes da possibilidade de conhecer e, assim, de agir pelas mudanças que julgamos necessárias, particularmente no âmbito institucional.

Propomos a reflexão sobre o conceito de informação como processo¹³, e não como produto, sugerindo que os cidadãos — criando para si a perspectiva de um exercício de ampliação da consciência acerca das suas possibilidades de conhecer e de agir para a transformação de suas instituições — exijam do Estado sua inserção no processo denominado Informação, e, nele, apropriem-se do conteúdo informacional característico de coleções/documentos especiais dos acervos da esfera pública (adequadamente digitalizados e disponibilizados). Entendemos que essa reflexão nos aproxima do pensamento de Marx, que juntamente com Engels considerava que a produção de idéias, de representações, e também da consciência estaria intrinsecamente ligada à atividade e ao intercâmbio materiais dos homens, conclamando-os a se reapropriarem de si mesmos e recuperarem os interesses gerais por uma sociedade democrática.

Nesse sentido, a conversão digital de coleções/documentos especiais do acervo público, os procedimentos de seleção de segmentos do acervo para conversão e as alternativas tecnológicas para a transmissão da memória devem ter uma função na sociedade e na história, que vai além da apreensão da técnica e da possibilidade do acesso remoto.

REFERÊNCIAS

¹³ E não se trata, aqui, naturalmente, do processo da comunicação.

CASTELLS, Manuel. **The rise of the network society**. Oxford: Blackwel Publishers, v.1, 1996.

FEUERBACH, Ludwig. A essência do cristianismo. Campinas: Papirus, 1988.

FOULQUIE, P. **A Dialéctica**. Lisboa: Europa-América, 1966 (Coleção Saber).

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. A informação: dos estoques às redes. **Ciência da Informação**, Brasília, v.24, n.1, p.77-83, jan./abr., 1995.

HEGEL, G.W.F. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: Ed. Universitária São Francisco, 2005.

HUISMAN, Denis. **Dicionário dos Filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: HUCITEC, 1986.

MORA, José. F. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PENNA, Antonio Gomes. **Cognitivismo, consciência e comportamento político**. São Paulo: Vértice, 1986.

PLATÃO. **A República**. Tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

POPPER, K.R. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAMPAIO, Benedicto; FREDERICO, Celso. **Dialética e materialismo**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.

SILVA, Rubens R.G. Da digitalização de acervos fotográficos públicos no contexto político da disseminação de conteúdos. **Anais do VI ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, A Política Científica e os Desafios da Sociedade do Conhecimento, Florianópolis, 28 a 30/11/2006, 10 p., CD-ROM, 2006.

SILVA, Rubens R.G. **Digitalização de acervos fotográficos públicos e seus reflexos institucionais e sociais: tecnologia e consciência no universo digital**. Tese. Ciência da Informação. Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro. Rio de Janeiro, PPGCI; UFRJ/ECO; IBICT, 2002.

SILVA, Rubens R.G. Informação, ciberespaço e consciência . **Transinformação**, Campinas, v.18, n.3, 191-201, set./dez. 2006a.

SILVA, Rubens R.G. **Manual de Digitalização de Acervos: Textos, Mapas e Imagens Fixas**. Salvador: EDUFBA, 2005.

SILVA, Rubens R.G. Os acervos fotográficos públicos na era de sua difusão digital. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v.12, p.73-76, 2004.

SILVA, Rubens R.G. Por um novo modo de olhar: Fotografia, Informação e Consciência. **Anais do V ENANCIB – Informação, Conhecimento e Transdisciplinaridade**, Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, 10 a 14 de nov., Belo Horizonte, MG, 2003.

SILVA, Rubens R.G. Procedimentos básicos de seleção de documentos para conversão digital. **Anais do VI CIFORM**, Informação, Conhecimento e Sociedade, Salvador, 214 a 17/06/2005, 13 p., CD-ROM, 2005a.